



Rio de Janeiro, 18 de maio de 2016.

Exmo. Sr. Vereador

Reimont Luiz Otoni Santa Bárbara

N E S T A

A Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, criada em 1974 para apoiar as iniciativas científicas e culturais do Museu de Imagens do Inconsciente, tem envidado esforços para a preservação, divulgação e ampliação das atividades ali realizadas. O Museu, criado pela Dra. Nise da Silveira (1905-1999), é uma de nossas instituições culturais mais importantes, reunindo ciência e arte num trabalho pioneiro, único no mundo.

Nise da Silveira teve uma trajetória singular na psiquiatria brasileira. Foi inovadora, introduzindo a terapia ocupacional no Centro Psiquiátrico Nacional, atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, localizado no bairro de Engenho de Dentro, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Nascida em Alagoas, em 1905, fez seus estudos médicos na Faculdade de Medicina da Bahia (1921-1926) e foi a única mulher numa turma de 157 alunos. Colou grau com a tese *Ensaio Sobre a Criminalidade da Mulher no Brasil*. Veio para o Rio de Janeiro em 1927, onde estabeleceu suas raízes intelectuais e profissionais. Casada com o sanitarista Mario Magalhães da Silveira, engajou-se nos meios artísticos e literários. Em 1932, estagiou na famosa clínica neurológica de Antônio Austregésilo e, em 1933, entrou para o serviço público através de concurso, tendo trabalhado e residido no antigo Hospital de Alienados da Praia Vermelha, onde hoje funciona a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Em 1936, a Dra. Nise foi presa, devido a sua atuação como médica voluntária na União Feminina Brasileira, que se dedicava, entre outras coisas, ao atendimento a mulheres de baixa renda na periferia da cidade. Na prisão conheceu Graciliano Ramos, que a descreve no seu famoso livro *Memórias do Cárcere*:

"... lamentei ver a minha conterrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Sabia-a culta e boa. Rachel de Queiroz me afirmara a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se a tomar espaço. O marido também era médico, era o meu velho conhecido Mário Magalhães. Pedi notícias dele: estava em liberdade. E calei-me, num vivo constrangimento."

Depois de permanecer na prisão por quase dois anos, Nise da Silveira permaneceu na semiclandestinidade, ao lado do marido, devido ao risco de ser novamente presa. Em 1944, quando foi anistiada, retornou ao trabalho, agora no Centro Psiquiátrico Nacional, em Engenho de Dentro. Durante sua ausência, surgiram novas técnicas de tratamento, muito valorizadas no meio psiquiátrico da época: o coma insulínico, a lobotomia, o eletrochoque. Nise logo entrou em confronto com esses métodos, por considera-los extremamente brutais e recordar-lhe as torturas que presenciara quando de sua prisão pela ditadura do Estado Novo.

Depois de reunir conhecimentos para dispor de uma base teórica sólida, fundou, em 1946, a Seção de Terapêutica Ocupacional. Seu objetivo era utilizar essa prática como legítima forma de tratamento, ao contrário da concepção da época, segundo a qual esse era um método considerado subalterno, mero auxiliar.

A partir de então, os setores ocupacionais foram desenvolvendo-se progressivamente, até atingirem dezessete atividades, entre elas sapataria, cestaria, teatro, jardinagem, música, carpintaria, encadernação e recreação. O atelier de pintura teve como monitor o artista Almir Mavignier, hoje pintor de renome internacional e professor de arte na Alemanha.

O Centro Psiquiátrico tinha nessa época cerca de dois mil internos, a maioria com diagnóstico de esquizofrenia, com muitos anos de internação e que normalmente ficavam perambulando nas enfermarias e nos pátios do hospital. As oficinas da terapêutica ocupacional foram atraindo, para seus diversos setores, algumas dessas pessoas abandonadas ao azar da não-ação, numa vida completamente incógnita por trás de seus uniformes. Em meio à luta pela mudança do ambiente hospitalar, foram chegando aos ateliês, quase ao mesmo tempo, seres excepcionais como Emygdio de Barros, Raphael Domingues, Adelina Gomes, Isaac Liberato, Carlos Pertuis, Fernando Diniz, Abelardo Correia, Octávio Ignácio, Lúcio Noeman, possuidores de uma capacidade de expressão extraordinária, e hoje já inscritos com destaque na história das artes visuais brasileiras.

Três meses após a inauguração do atelier já havia material suficiente para organizar uma exposição. Assim, em dezembro de 1946 foi inaugurada, no Centro Psiquiátrico Nacional, a primeira mostra de imagens pintadas pelos internos. A exposição despertou grande interesse, sendo logo transferida, em fevereiro de 1947, para o edifício-sede do Ministério da Educação (Palácio Capanema), localizado no centro da Cidade, possibilitando acesso ao grande público. Em seguida, foram

realizadas outras exposições e, para surpresa da Dra. Nise, os psiquiatras brasileiros interessaram-se menos por esta produção que os críticos de arte e o público em geral. O campo da arte logo reconheceu o valor artístico da produção plástica dos internados em Engenho de Dentro, em textos seminais de Mário Pedrosa, Sérgio Milliet, Antonio Bento, e mais recentemente, Ferreira Gullar e Frederico de Moraes. Muitos artistas passaram a visitar os ateliês do Engenho de Dentro, sendo influenciados por essa experiência única: Abraham Palatnik, Ivan Serpa, Djanira, Lygia Pape, Francisco Brennand, entre outros, manifestaram sua admiração pelos pintores de Engenho de Dentro

Para preservar e pesquisar o acervo científico e artístico reunido Nise da Silveira criou, em 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente. As imagens produzidas nos ateliês levantavam questões que não encontravam resposta na formação psiquiátrica acadêmica. Essas interrogações impulsionaram Nise à busca de conhecimento e aprofundamento dos processos que se desdobravam no interior daqueles indivíduos internados, revelados através das imagens e símbolos por eles configurados livremente. Essas pesquisas nunca objetivaram descobrir patologia nessa produção, mas penetrar nas dimensões e mistérios dos processos do inconsciente. As imagens constituem material sadio, universal e muitas vezes sua compreensão se faz através da pesquisa comparada com as histórias da religião e da arte, mitologia, etc., numa verdadeira arqueologia da psique. Por sua postura humanista, seu trabalho antecedeu os movimentos renovadores da psiquiatria mundial: a antipsiquiatria de Ronald Laing e David Cooper na Inglaterra, a psiquiatria democrática de Franco Basaglia na Itália e a comunidade terapêutica de Maxwell Jones, também na Inglaterra.

Em 1955, enviou carta à C. G. Jung dando ciência da formação do Grupo de Estudos C. G. Jung no Rio de Janeiro, que editou a publicação *Quaternio*, revista relacionada aos estudos e pesquisas desenvolvidos ao longo das reuniões. Com isso, introduziu a psicologia junguiana no Brasil.

Em 1956, Nise da Silveira criou a Casa das Palmeiras, instituição privada, sem fins lucrativos, no intuito de reverter o espantoso número de reinternações psiquiátricas (à época em torno dos 70%) que dava testemunho de que algo estava errado no conjunto do tratamento. A Casa das Palmeiras é um pequeno território livre, onde não há pressões geradoras de angústia. Primeira clínica em regime de externato no Brasil, onde portas e janelas estão sempre abertas. Os médicos e demais membros da equipe técnica não usam uniformes ou crachás. Esta instituição vem cumprindo seu objetivo de cortar o inexorável ciclo de internações / reinternações de seus clientes, a maioria dos quais, não retornam ao hospital psiquiátrico desde que a frequentam. A casa, sediada no bairro de Botafogo, serviu como modelo para os atuais Centros de Atenção Psicossocial, no contexto da nova política brasileira de Saúde Mental. A Casa das Palmeiras foi reconhecida como de utilidade pública, por Decreto Municipal, em 1963. Seu espírito libertário tem servido de referência e inspiração para entidades e instituições de diversas áreas.

Em julho de 1968, Nise formou o Grupo de Estudos do Museu de Imagens do Inconsciente, cuja criação teve como principal objetivo estudar o processo psicótico e sua relação com os temas universais da psique humana, além de acompanhar a evolução de casos clínicos por meio da expressão plástica espontânea. Este grupo reúne-se semanalmente até hoje, na sede do Museu.

Rua Ramiro Magalhães, 521 - CEP 20.730.460 - Rio de Janeiro

Tel. 55 21 3111 7471 - 55 21 3111 7464

samii@mii.org.br - www.museuimagensdoinconsciente.org.br

Atualmente, o acervo do Museu de Imagens do Inconsciente, contém cerca de 360 mil obras, reunindo a maior e mais diferenciada coleção do gênero no mundo. Essa inestimável fonte de estudos e apreciação artística tem sido preservada pelo significativo número de pessoas sensíveis à sua importância. Em 1974, a preocupação com o destino do acervo, em virtude da proximidade da aposentadoria da Dra. Nise, levou um grupo de pessoas lideradas pela educadora Zoé Noronha Chagas Freitas, a criar uma sociedade civil para dar suporte às múltiplas atividades desenvolvidas pelo Museu e que garantisse sua preservação. A Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente tem, desde então, viabilizado a realização de cursos, convênios, projetos de pesquisa, documentários, publicações, conservação, restauração e exposição das obras através de parcerias com instituições públicas e privadas.

As ações do Museu, divulgando os princípios e as pesquisas realizadas pela Dra. Nise da Silveira ao longo de sua existência, através de exposições, cursos, palestras e documentários, vêm exercendo significativa influência na sociedade brasileira, no sentido de desmistificar a experiência da loucura e agir na direção contrária ao estigma, o isolamento, possibilitando a um grupo de pessoas marginalizadas a recuperação de sua autonomia e cidadania. O trabalho do MII preparou de antemão o terreno onde frutificou o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial, que resultou na promulgação da Lei 10.216, de 6 de abril de 2001, de autoria do então Deputado Federal Paulo Delgado, instituindo no Brasil a Reforma Psiquiátrica. Se hoje nosso país possui uma das legislações mais avançadas nesse campo, é devido em grande parte a atuação da Dra. Nise da Silveira, especialmente através das ações do Museu de Imagens do Inconsciente.

O Museu está localizado no Instituto Municipal Nise da Silveira, sucedâneo do Centro Psiquiátrico Pedro II desde que este foi municipalizado, por força da legislação do SUS. Sua sede, que ocupa desde 1981, é fruto de um convênio entre a Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, o Ministério da Saúde (a quem o complexo hospitalar pertencia à época) e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Sua fachada dá para a rua Bernardo, pertencente ao bairro de Engenho de Dentro.

Assim, a Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente vem apresentar a V. Ex.^a um pleito para mudança do nome desta rua, de Rua Bernardo, para Rua Nise da Silveira, considerando:

- a justeza de uma homenagem àquela que é o expoente feminino máximo do campo científico no Brasil e que tanta influência exerce nas artes e nos mais diversas áreas do saber, tendo originado livros, filmes, peças de teatro, músicas, balés e outras manifestações;

- a necessidade de dar destaque a uma personalidade que lutou pelos direitos dos marginalizados, contra a exclusão e o estigma, além de ser pioneira na utilização de animais no tratamento (lembremos que a existência de uma Secretaria Municipal de animais, na cidade do Rio de Janeiro, é fruto direto da luta incessante de Nise da Silveira em defesa dos animais - extinção da "carrocinha", fim da Farra do Boi).



Rua Ramiro Magalhães, 521 - CEP 20.730.460 - Rio de Janeiro

Tel. 55 21 3111 7471 - 55 21 3111 7464

samii@mii.org.br - www.museuimagensdoinconsciente.org.br

- em 2016 se completam 70 anos de atividade ininterrupta do ateliê de pintura do Museu, que além da influencia exercida no campo da arte, produziu (e produz ainda hoje) um acervo inestimável de 360 mil obras, o maior do mundo no gênero, cujas principais coleções forma tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

- o fato de que a rua onde se localiza o MII, denominada Rua Bernardo, foi cortada ao meio pela Linha Amarela, transformando-a em dois segmentos sem contiguidade (ver mapa anexo). Desse modo, o trecho onde se situa o MII, de apenas dois quarteirões, levaria o nome da mestra, mantendo-se o nome de Rua Bernardo no outro segmento.

- essa iniciativa coaduna com estabelecido pelo Decreto 35.879 de 5 de julho de 2012, que cria o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, e reza no Inciso II do Artigo 16:

II – a criação do Parque Nise da Silveira no bairro de Engenho de Dentro.

Sabedores de vosso envolvimento com as causas ligadas às artes e seus fazedores, em especial àquelas oriundas de grupos sociais que buscam espaços para expressar-se e garantir seus diretos de cidadania, solicitamos vosso apoio no encaminhamento de nosso pleito ao poder legislativo, desde já agradecidos pelos vossos esforços envidados nesse sentido.

Receba, Excelência, nossos mais elevados protestos de estima e consideração



CÍCERO MAURO FIALHO RODRIGUES

Presidente